




ARTE  
DOS  
MEESTRES

ARTESANATO  
BRASILEIRO



À FRENTE, ESQ-DIR Peças dos artistas: Família Teles, Mestre Cornélio, Everaldo Silva, Wauja. AO FUNDO Mehinaku




Nossa história começa em 1998 com a visionária antropóloga Ruth Cardoso, que enxergava beleza e potencialidade onde a maioria das pessoas via pobreza e atraso. Ruth idealizou um programa social inovador, batizado como Comunidade Solidária, que revolucionou as políticas sociais assistencialistas da época. Esse programa de combate à pobreza visava o desenvolvimento do capital social, dando oportunidades de educação e trabalho para pessoas de comunidades vulneráveis do país, especialmente no Nordeste.

Sensibilizada pelo esmero e a sofisticação da produção artesanal e artística que brotava das mãos de artesãs e artesãos nos pequenos vilarejos do sertão, ela criou, no âmbito desse programa, o Artesanato Solidário, que tinha a missão de revitalizar a produção artesanal de raiz cultural e comercializá-la, promovendo a geração de trabalho e renda nessas comunidades.

Ela afirmava, com toda a sua sabedoria: “O que queremos fazer é mostrar que esse saber e essa arte existem, podem se expressar e fazer parte do mercado, não têm que estar excluídos. A gente nunca deve ver a arte popular como alguma coisa alternativa”.

Na prática, o Programa Artesanato Solidário desenvolveu uma metodologia de trabalho para a qualificação profissional de indivíduos detentores de saberes e fazeres de imensurável valor patrimonial, estimulou e deu apoio à criação de inúmeras associações, ofereceu formações em gestão, aprimoramento dos produtos, organização da produção, precificação e comercialização.

O legado de Ruth se mantém vivo há 25 anos. O programa de governo deu origem, em 2002, à ONG Artesol, que, em uma jornada institucional



bem-sucedida, sustenta a missão originária da iniciativa. Durante esses anos, mantivemos a organização na vanguarda da criação de soluções para a contínua evolução e fortalecimento de um campo cultural que promove o desenvolvimento social e econômico do Brasil de maneira sustentável.

Nosso convite é para que você conheça mais de perto nossas ações e se deixe cativar por essa causa. Ela é relevante! A partir de uma visão holística e da promoção do trabalho em rede, combatemos a desigualdade social, empoderamos as mulheres, valorizamos a diversidade, promovemos a inclusão produtiva, defendemos os direitos dos povos originários e tradicionais, ajudamos a preservar os nossos biomas e a salvaguardar os tesouros e a grandeza da nossa cultura popular, que é plural e singular ao mesmo tempo.

A palavra “Solidário” no nosso nome de batismo significa que temos uma genuína disposição para buscar caminhos que resolvam ou amenizem um problema social. Para a Artesol, a solidariedade é uma virtude que estimula o pensamento de colaboração para a construção de uma sociedade mais justa, tarefa que é responsabilidade de todos nós.

**Artesol**

Saiba mais:



[www.artesol.org.br](http://www.artesol.org.br)

@artesol.oficial

@artiz.oficial



O Instituto Cultural Vale acredita na cultura como instrumento de transformação social, capaz de gerar impacto positivo na vida das pessoas. Em nossa atuação, buscamos fortalecer a cadeia produtiva da economia criativa, incentivar o desenvolvimento socioeconômico local, trabalhar pela preservação de patrimônios materiais e imateriais, e valorizar as múltiplas manifestações culturais, ampliando as oportunidades para quem faz Cultura em todo o Brasil e evidenciando os muitos saberes e fazeres do nosso país.

Daí nossa sinergia com a Artesol e a **Arte dos Mestres**, iniciativa de valorização da arte popular brasileira e dos mestres e mestras artesãos que, em suas vivências, garantem a transmissão de conhecimentos tradicionais por gerações e um legado em suas comunidades. Arte popular que constrói e guarda a memória de diferentes tempos e modos de vida, e constitui parte da nossa própria história.

Convidamos a todos para passear pela diversidade de expressões artísticas que formam a nossa cultura, tão rica e diversa.

Onde tem cultura, a Vale está.

**Instituto Cultural Vale**

ACIMA, À ESQUERDA Peça de Clélia Lemos ABAIXO, ESC-DIR Peças dos artistas: Mestre Cunha, Família Antônio de Dedé, Tiago Amorim, Francisco Graciano, Família Santos e Jasson





ESQ-DIR Peças dos artistas: Marivaldo Costa, Rosalvo Santana e Marivaldo Costa



## ARTES DO POVO: ARTES PLURAIS

Artes populares, ou artes do povo, expressões humanas em sentido antropológico, referem-se às manifestações culturais cujos significados relacionados à forma e à estética são reveladores de intenções e valores daqueles grupos e indivíduos que as produzem. Não são, como alguns imaginam, expressões ingênuas e primitivas, desprovidas de sofisticação técnica. Os artistas populares, em geral oriundos dos estratos menos favorecidos da sociedade, mesmo quando se guiam por sonhos e intuições, investigam soluções formais, criam ferramentas engenhosas e, em muitos casos, elaboram teorias próprias que dão sentido à obra criada. A incompreensão da pluralidade das produções de fatura popular, peças que não seguem os cânones de uma arte considerada erudita, acabou levando muitos estudiosos a caracterizá-las como "artes

espontâneas", como se brotassem à revelia de seus próprios autores. Como consequência, só em meados do século passado essas produções passaram a ser reconhecidas como genuinamente artísticas e, ainda hoje, enfrentam resistências e têm pouco destaque na história da arte do país.

Conceitualmente, a arte popular é aquela produzida neste território que chamamos Brasil por povos que o habitavam antes mesmo da colonização portuguesa, como atestam as cerâmicas arqueológicas amazônicas, atualmente reproduzidas na região por habilidosos mestres artesãos. No período colonial, destacam-se os mestres santeiros, em especial nos estados da Bahia e Minas Gerais, que inseriram elementos nativos em obras de origem europeia. A esses se somam os artífices que esculpam e pintavam ex-votos, cuja produção floresceu mais tarde, em centros de romaria como Canindé e Juazeiro do Norte, no Ceará. Ainda na temática sacra, podemos citar as imagens "paulistinhas", produzidas nos séculos 19 e 20 por santeiros populares no estado de São Paulo. No mesmo período, negros escravizados produziram os raros santos de nó-de-pinho, amuletos mágicos e religiosos que combinam de forma original a cosmologia católica europeia e a banto, de origem africana. Do século 20 aos nossos dias, é impossível listar a infindável produção que revela a riqueza da arte popular brasileira. Como exemplos pinçados ao acaso, citamos as carrancas utilizadas para proteger embarcações que navegavam pelo médio rio São Francisco, os santeiros de Piauí, os entalhadores de Juazeiro do Norte (CE), da Ilha do Ferro (AL) e de Cachoeira (BA), os polos ceramistas que afloraram em diferentes partes do território nacional, como Caruaru e Tracunhaém, em Pernambuco, Maragogipinho e Barra, na Bahia, e Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Também se destaca a produção de artistas indígenas, como as bonecas dos Karajá, os bancos e as cestarias Mehinaku e as cerâmicas Wauja. Essas produções, muitas vezes classificadas equivocadamente como "primitivas", ainda são erroneamente tidas como "curiosidades exóticas", que testemunham um passado anterior à civilização. Por isso lembramos aqui que os povos indígenas vivem e compartilham do mesmo tempo presente que as sociedades não indígenas, e suas produções artísticas, como quaisquer outras, dialogam com as questões da contemporaneidade e expressam criatividade individuais ao mesmo tempo que coletivas.

Mesmo com tamanha diversidade de manifestações estéticas e técnicas, as produções dos artistas oriundos de camadas populares só começaram a ser inseridas no domínio da arte brasileira em meados do século 20. Essa inserção tem início com o movimento modernista de 1922 e o movimento regionalista de Recife, ainda na década de 1920. Mas é em 1947, com

a inauguração da exposição *Cerâmica popular pernambucana*, que, pela primeira vez, objetos de origem popular e dotados de estética particular são expostos em um mundo até então praticamente dedicado a obras eruditas. Essa exposição exibiu peças de um dos maiores artistas brasileiros, o ceramista Mestre Vitalino, de Caruaru (PE), dentre outros. Curiosamente, o texto de divulgação da mostra não registrava o nome dos autores das peças, o que só veio a acontecer dois anos depois, quando foi realizada a exposição *Arte popular pernambucana*, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Outra importante exposição para a consolidação do campo da arte popular brasileira foi, em 1969, *A mão do povo brasileiro*, a primeira mostra temporária inaugurada no novo prédio do MASP, na Avenida Paulista, organizada por Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, com participação de Glauber Rocha e Martim Gonçalves.

A partir da década de 1970, muitos artistas populares foram “descobertos” por pesquisadores do campo das artes, e várias publicações contribuíram para a divulgação de seus nomes e obras. Dentre elas, destacam-se *Mitopoética de 9 artistas brasileiros*, da antropóloga Lélia Coelho Frota (1975), e *O reinado da lua: escultores populares do Nordeste*, de Silvia Rodrigues Coimbra, Flávia Martins e Maria Letícia Duarte (1980). Se até então o interesse recaía somente na produção de artistas que permaneciam anônimos para o grande público, a nova abordagem deflagrada por essas duas publicações passa a privilegiar a biografia, o contexto cultural e, de forma mais direta e significativa, os discursos dos próprios artistas sobre suas histórias de vida e a interpretação de suas obras. Esse deslocamento de perspectiva constitui o que Lélia Coelho Frota chamou de “desejo de biografia”, postura que influencia as pesquisas e produções sobre a arte popular brasileira até a atualidade.

Nas décadas seguintes, felizmente, inúmeras galerias de arte, exposições e publicações buscaram dar visibilidade e reconhecer os artistas populares de todo o Brasil. Sem conseguir elencar de forma justa todas as iniciativas, citaremos apenas algumas, a título de exemplo. Em 1983 foi criado o programa Sala do Artista Popular, desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan, e, em 1993, deu-se a fundação do Museu Casa do Pontal, ambos no Rio de Janeiro. Com relação às exposições, registra-se *A mão afro-brasileira*, realizada em 1988, com curadoria do artista e pesquisador Emanuel Araujo, com clara referência à exposição de Lina Bo Bardi. Em 2000, Emanuel Araujo também foi responsável pela curadoria do núcleo de Arte Popular da emblemática *Mostra do redescobrimento: Brasil + 500*, realizada em comemoração aos 500 anos da “descoberta” do Brasil. Dentre as publicações, lembramos o incontornável *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX*, publicado por

Lélia Coelho Frota, em 2005, e *Eu me ensinei: Narrativas da criatividade popular brasileira*, de Edna Matosinho de Pontes, de 2017.

A arte popular brasileira, abundante, diversa e pulsante, se recria e se transforma a cada dia. Essa vivacidade é um estímulo para a realização de novos eventos e publicações que estejam atentos aos surgimentos de processos criativos, que acontecem constantemente em todo o país. A realização da mostra e feira **Arte dos Mestres** vem renovar o fôlego dessa agenda de eventos, exibindo e comercializando as obras de mais de 20 mestres artesãos e artesãs de diferentes regiões em uma primorosa exposição. O registro de suas visões de mundo e modos de fazer em documentários individuais produzidos especialmente para a mostra e a possibilidade de o público encontrar os mestres para ouvi-los sobre suas histórias e processos criativos têm a intenção de apresentá-los como autores e protagonistas de suas próprias produções e trajetórias. A data escolhida para o evento também é reveladora. Acontece no mesmo período da *SP-Arte: Rotas Brasileiras* e às vésperas da *35ª Bienal de Arte de São Paulo*. É estratégica para inserir esses artistas e suas obras em espaços e circuitos artísticos contemporâneos com projeção nacional. Está, portanto, em sintonia com movimentos que já vêm acontecendo no país, que buscam privilegiar a autoria e o discurso de artistas afro-brasileiros, indígenas, periféricos e populares em espaços que historicamente tendem a desconhecer, e até mesmo negar, a legitimidade dessas produções no mundo da arte.

**Arte dos Mestres** contribui, assim, para os esforços conjuntos de construção de espaços e eventos artísticos que reconheçam e reafirmem a importância do universo popular e de seus artistas na construção de narrativas mais diversas e plurais sobre a arte, a história e as diferentes identidades que compõem a nação brasileira.

**Ricardo Gomes Lima e Isabel Franke**

À ESQUERDA Peça do Mestre Luiz Antônio À DIREITA, ACIMA Peça de Willi de Carvalho  
À DIREITA, ABAIXO Peça da Família Cândido






## ARTE DOS MESTRES

É uma iniciativa para exercitarmos em primeiro lugar a arte do encontro. Um convite para nos deixarmos cativar pela força imagética e estética das obras expostas, que nascem de repertórios tradicionais, desenvolvidas por indivíduos ou famílias, em suas oficinas ou espaços de manufatura. Os artistas e suas obras aqui apresentados têm a capacidade de nos transportar para um universo onde se amalgamam trocas materiais e simbólicas, e nesse espaço-tempo a expressão da subjetividade do autor é um testemunho do saber-fazer com maestria.

O processo curatorial foi permeado pelo cuidado com a difusão da memória, a noção territorial dessa produção criativa e, acima de tudo, pelo elemento humano que a sustenta. Os documentários produzidos durante esse processo, exibidos em espaços individualizados, têm a intenção de garantir a autoria dentro de um conjunto expositivo coletivo, que representa as matrizes da intersecção das várias camadas e perspectivas da pluralidade e, ao mesmo tempo, da singularidade das diferentes identidades culturais do Brasil.

As mestras e mestres, artistas, artesãos e artesãs convidados para esta primeira edição representam uma categoria numerosa de indivíduos que se dedicam a esse ofício e estão espalhados por todo o nosso território continental. Ao adentrarmos as portas de suas casas e ateliês, ao caminharmos juntos nos entornos de seus quintais, vilas e comunidades, ao vermos a matéria-prima bruta antes do toque de suas mãos e ao partilharmos conversas espontâneas sobre suas histórias de vida, testemunhamos a magia dessa arte acontecer.



A essência que a define está no vínculo afetivo e na troca generosa entre as pessoas, entre mestre e aprendiz, entre o homem e a natureza. Encontra-se no fio de valores e crenças que perpassam gerações, na devoção religiosa, na captura de momentos de alegria efêmera ou de lembranças dolorosas, transmutadas para a materialidade dos objetos – uma essência que, por vezes, vem do inconsciente com determinação, sendo traduzida ao seu criador pelo código dos sonhos, uma força que nutre o desejo íntimo do reconhecimento e impulsiona o reinventar-se.

Tivemos como elementos balizadores da curadoria a diversidade étnica e etária, a questão de gênero, a transmissão do conhecimento e o reconhecimento que esses artistas adquiriram de seus pares e da comunidade onde vivem. O domínio técnico, a reinvenção da tradição, a importância do ofício como instrumento de inclusão social e produtiva e o equilíbrio entre sentidos locais e dinâmicas de mercado foram também pontos norteadores no processo.

Desejamos que o resultado deste trabalho proporcione a fruição de uma arte afetiva e original, cujas formas, cores e temáticas enaltecem as paisagens naturais, arquitetônicas e humanas do nosso país. Esperamos também que a disseminação do conhecimento sobre a arte popular e o saber-fazer artesanal sistematizado neste trabalho se espalhe e sirva de inspiração para outras iniciativas, como uma força motriz para a salvaguarda de um patrimônio cultural material e imaterial que garante, a todos nós, uma identidade nacional da qual devemos sempre nos orgulhar.

**Josiane Masson e Marco Aurélio Pulchério**



**CLÉLIA LEMOS** BELO HORIZONTE, MG  
**18 DIN ALVES** JUAZEIRO DO NORTE, CE  
**22 EVERALDO SILVA** JUAZEIRO DO  
NORTE, CE **26 FAMÍLIA ANTÔNIO DE**  
**DEDÉ** LAGOA DA CANOA, AL **30 FAMÍLIA**  
**CÂNDIDO** JUAZEIRO DO NORTE, CE  
**34 FAMÍLIA SANTOS** CACHOEIRA, BA **38**  
**FAMÍLIA TELES** DIVINÓPOLIS, MG **42**  
**FRANCISCO GRACIANO** BREJO SANTO,  
CE **46 JASSON** BELO MONTE, AL **50**  
**JOÃO BORGES** TIMON, MA **54 MEHINAKU**  
PARQUE INDÍGENA DO XINGU, MT **58**  
**MESTRE ABERALDO** ILHA DO FERRO, AL  
**62 MESTRE CORNÉLIO** TERESINA, PI  
**66 MESTRE CUNHA** JABOATÃO DOS  
GUARARAPES, PE **70 MESTRE LUIZ**  
**ANTÔNIO** CARUARU, PE **74 MESTRE**  
**MARIVALDO COSTA** BELÉM, PA **78**  
**ROSALVO SANTANA** MARAGOGIPINHO, BA  
**82 SIL DA CAPELA** CAPELA, AL **86 TIAGO**  
**AMORIM** OLINDA, PE **90 WAUJA** PARQUE  
INDÍGENA DO XINGU, MT **94 WILLI DE**  
**CARVALHO** MONTE ALEGRE DO SUL, SP **98**





## CLÉLIA LEMOS

Belo Horizonte (MG)

Maria Clélia Lemos (1953) nasceu em Piedade de Ponte Nova (MG) e na infância mudou-se para Timóteo, no Vale do Aço. Viveu com a mãe até os 15 anos, quando foi para Belo Horizonte para ajudar sua irmã.

Quando Clélia se tornou mãe, não pode mais trabalhar fora e precisou encontrar outras formas de conseguir dinheiro para dar uma vida melhor para seus filhos. Aprendeu com a mãe a fazer sapatilhas de tecido, que eram vendidas nas escolas das crianças e em uma banca na porta do mercado.

Começou a fazer estandartes há 20 anos por estímulo de uma amiga, que comprou duas estampas de santo iguais e deixou uma para Clélia. Seu primeiro estandarte foi criado para ocupar uma parede vazia em uma exposição de Willi de Carvalho, seu companheiro na época. A obra foi muito elogiada e Clélia, que não se considerava artista, descobriu sua vocação.

Seus estandartes apresentam o simbolismo religioso do catolicismo mineiro, permeado por forte devoção e ricas manifestações populares. Devido à riqueza das cores e texturas combinadas com muita harmonia e beleza, suas peças causam um grande impacto visual e têm chamado cada vez mais a atenção de colecionadores e galeristas.

[Clique aqui e descubra mais sobre a artista](#)



**Santo Antônio**  
Clélia Lemos  
Mista  
128 x 57 cm



**Balão Fuxico**  
Clélia Lemos  
Mista  
106 x 49 cm



**Santos Juninos**

Clélia Lemos

Mista

253 x 152 m



# DIN ALVES

Juazeiro do Norte (CE)



Aparecido Gonzaga Alves (1985) nasceu e cresceu em Juazeiro do Norte, Ceará. Passou a infância acompanhando sua mãe no mercado em que ela trabalhava vendendo verduras. Para ajudar com a renda da família, foi chapeiro ainda criança, descarregando caixas de frutas e verduras. Din vem de uma reconhecida família de artistas. Seu avô Pedro Luiz Gonzaga era xilógrafo, assim como seu primo José Lourenço. Desde muito novo admirava como os cordéis eram feitos na Lira Nordestina, uma das mais antigas editoras especializadas nessa produção do Brasil.

Morava no bairro Boca das Cobras, considerado um celeiro de artesãos, e começou a trabalhar com a madeira na adolescência como ajudante, lixando peças. Logo passou a entalhar partes menores, como as mãos e cajados dos santos, até fazer a imagem por completo. Desenvolveu um estilo próprio para representar personagens da cultura popular: atarracados e gordinhos, atraem muitos admiradores e colecionadores.

Entrou muito jovem para o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, onde ficou por 18 anos e atuou em cargos de gestão. Teve importante papel na articulação dos artesãos e sempre atuou na formação de entalhadores, compartilhando seus conhecimentos com as novas gerações.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Pau da Bandeira**

Din Alves

Entalhe

25 x 202 x 42 cm

**Caminhão de Romeiros**

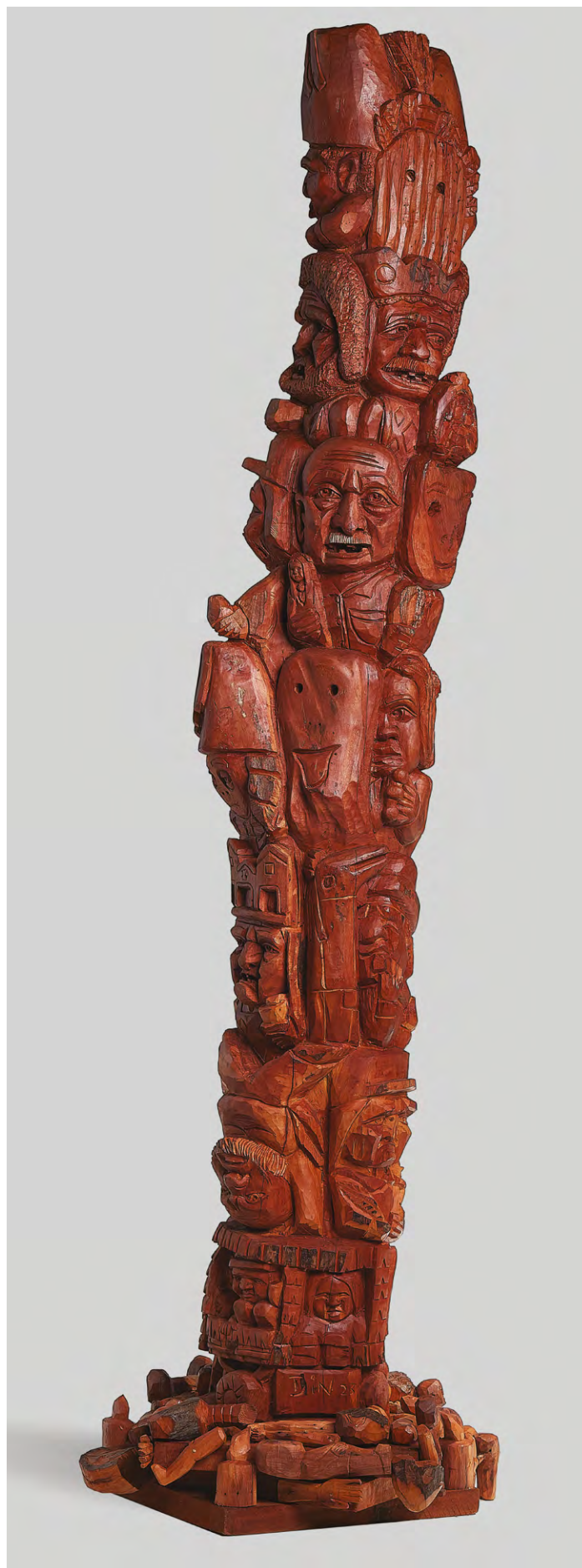
Din Alves

Entalhe

47 x 106 x 32 cm



**Totem de Romaria**  
Din Alves  
Entalhe  
225 x 70 x 80 cm







## EVERALDO SILVA

Juazeiro do Norte (CE)

José Everaldo Ferreira da Silva (1987) nasceu em Terra Nova, Pernambuco. Foi para Juazeiro do Norte, no Ceará, ainda criança. Quando tinha por volta dos dez anos, participou do projeto Meninos do Horto, realizado pelo Centro de Cultura Popular Mestre Noza, onde aprendeu a entalhar.

Everaldo é devoto de Padre Cícero desde criança. Quando ia para as aulas das oficinas, sempre passava em frente à sua estátua, no alto do monte do Horto. Todas as vezes pedia bênção ao Padim, para que o ajudasse a aprender. Pela força da devoção, da prática e do talento, Everaldo tornou-se um exímio escultor e a maior referência na produção de imagens de Padre Cícero, em diversos tamanhos. Suas obras emocionam pela expressão comovente, já foram presenteadas a diversas personalidades e participaram de exposições.

Apesar da pouca idade, Everaldo tem um relevante papel na continuidade da tradição do entalhe de Juazeiro do Norte. Em sua trajetória, participou do Centro de Cultura Popular Mestre Noza, articulou artesãos, realizou projetos e sempre estimulou e compartilhou seus conhecimentos com jovens aprendizes.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)

**Padre Cícero**  
Everaldo Silva  
Entalhe  
162 x 46 x 40 cm





**Padre Cícero**  
Everaldo Silva  
Entalhe  
81 x 26 x 17 cm





# FAMÍLIA ANTÔNIO DE DEDÉ

Lagoa da Canoa (AL)

Antônio Alves dos Santos, conhecido como Mestre Antônio de Dedé, nasceu em 1953, em Arapiraca. Recebeu a alcunha do pai, Dedé Lourenço, que trabalhava nas lavouras de fumo, era louceiro e carpinteiro. Muito habilidoso, desde criança criava brinquedos que eram cobijados por outras crianças.

Deixava as esculturas de madeira que fazia cuidadosamente expostas em casa para serem vistas por clientes enquanto trabalhava na lavoura. Foi descoberto por uma galerista de arte popular, que divulgou seu trabalho e o estimulou a explorar ainda mais a sua criatividade. O mestre repassou seus conhecimentos para os nove filhos, que continuam o trabalho do pai e o transmitem para as novas gerações.

Seus filhos mantêm as características estéticas de seu trabalho: a expressividade dramática dos personagens e a composição colunar. Em um tronco, cabe toda a iconografia dos santos ou elementos do personagem. Ao atravessar as gerações, os artistas também expressam sua própria individualidade na criação artística. Alguns passaram a criar peças encaixáveis, que extrapolam a forma original. Já as filhas criam principalmente totens com entalhe econômico, mas graficamente ricos por causa da pintura colorida e detalhada.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)

**São Francisco**

Ismael de Dedé

Entalhe

225 x 50 cm



**São Sebastião**

Jailton de Dedé

Entalhe

96 x 16 x 17 cm



**São Francisco  
no Pássaro**

Antônio José

Entalhe

130 x 30 cm







# FAMÍLIA CÂNDIDO

Juazeiro do Norte (CE)

A produção cerâmica da família começa na década de 1960, quando Maria de Lurdes Cândido Monteiro decide modelar brinquedos de barro para seus filhos. Suas filhas Maria Candido e Maria do Socorro logo se juntam à produção das pecinhas. As três trabalharam juntas por muitos anos e ficaram conhecidas como as “Três Marias de Juazeiro”.

Em 1975, uma cliente sugere a Maria de Lurdes a criação de quadros em alto relevo para serem pendurados na parede, que mais tarde seriam batizados de “temas”. Cada quadro conta uma história ou apresenta cenas cotidianas e curiosas, principalmente da cultura nordestina.

Maria de Lurdes Cândido foi reconhecida como Mestre da Cultura pelo estado do Ceará em 2004. Faleceu em 2021, deixando seu conhecimento como um legado para a família. Atualmente, cinco filhos, uma nora e uma neta seguem na produção. Assinam as obras com as iniciais dos nomes, formando um código de identificação dos artistas.

Assim como outros artesãos e núcleos produtivos de Juazeiro do Norte, a família Cândido também integra o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, onde expõe e comercializa suas peças. Seus temas são a manifestação figurativa em cerâmica mais expressiva da região, que possui forte tradição no entalhe em madeira.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)



**Família Jardim**

Dora Monteiro  
e Carol Monteiro

Modelagem / Cerâmica  
23 cm x 0,08 mm



**Quadrilha Junina**  
Dora Monteiro  
e Carol Monteiro  
Modelagem / Cerâmica  
22 cm x 25 cm





## FAMÍLIA SANTOS

Cachoeira (BA)

A tradição figurativa da família teve início na década de 1960, quando Armando Santos aprendeu a produzir pequenas figuras de presépio para vender à população local de Cachoeira e a turistas. Repassou os conhecimentos para os irmãos Cecílio Santos e Cândido Santos Xavier, mais conhecido como Tamba.

Tamba foi o criador das imagens que consagraram o trabalho da família como expressões da arte afro-brasileira: o Exu sentado com uma boca enorme e vermelha, a *Barca de Exus*, o *Falso padre* e a *Falsa freira*. Tamba e Cecílio faleceram sem deixar filhos e são os descendentes de Armando que continuaram a tradição. Atualmente, sua nora Aletícia Bertosa Ribeiro e seu neto Florisvaldo Ribeiro dos Santos são os únicos artistas que ainda continuam a tradição iniciada pelos irmãos.

As obras da família estão em coleções particulares, acervos de museus e participaram, em 1959, da emblemática exposição *Bahia no Ibirapuera*, com curadoria de Lina Bo Bardi. Já nos anos 2000, outras importantes exposições curadas por Emanuel Araujo apresentaram trabalhos da família. Mesmo com esse reconhecimento, essas obras correm o risco de ser esquecidas. A presença delas nesta mostra tem justamente o objetivo de divulgá-las a um público mais amplo, reiterando o prestígio e a relevância que devem ter enquanto obras de arte genuinamente brasileiras.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)

**Falso Pastor**  
**Falsa Freira**  
**Falso Padre**  
Aletícia e Flor  
Modelagem / Cerâmica  
35 x 15 x 30 cm



**Pombal Grande**  
Aletícia e Flor  
Modelagem / Cerâmica  
50 x 35 cm



**Barca de Exus**

Aletícia e Flor

Modelagem / Cerâmica

30 x 40 x 30 cm







## FAMÍLIA TELES

Divinópolis (MG)

Geraldo Teles de Oliveira (1913-1990), mais conhecido como GTO, foi um famoso escultor mineiro. Suas obras foram apresentadas em exposições, museus e bienais nacionais e internacionais, em diversas instituições renomadas. Começou a entalhar por volta dos 55 anos, depois de sonhar que esculpia uma grande obra para uma igreja.

Cerca de um ano e meio depois de começar a entalhar, é convidado para participar de uma grande exposição de arte popular em Belo Horizonte. Com a saúde bastante debilitada, conta com a ajuda de seu filho Mário Teles para produzir as peças de grandes dimensões. Mário passa a se dedicar inteiramente ao trabalho com GTO, que reconhecia no filho o refinamento do traço.

Alex Teles, filho de Mário, também seguiu os passos do pai. Desde pequeno ficava em cima da mesa de trabalho do avô e tinha a tarefa de limpar as lascas produzidas pelas ferramentas. Certo dia, também sentiu o chamado de sua própria vocação e recebeu de seu pai as ferramentas que o avô havia deixado para ele.

A partir do repertório iniciado por GTO, entalham na madeira suas imagens íntimas e internas. As obras podem contar histórias da mitologia e da cultura popular brasileira, de suas vidas e da relação artística existente entre GTO, Mário e Alex, que formam uma trindade artística.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)

**Pau de Sebo Musical**

Mário Pereira Teles

Entalhe

152 x 68 x 28 cm





**Roda da Vida  
dos Indígenas  
- Mandala**

Mário Pereira Teles

Entalhe

97,50 x 5 x 91 cm

**Manifestações  
Folclóricas**

Alex Pereira Teles

Entalhe

33 x 105 x 4 cm







# FRANCISCO GRACIANO

Brejo Santo (CE)

Francisco Graciano Cardoso (1965) nasceu em Juazeiro do Norte (CE) e é filho de Manuel Graciano, um reconhecido artista popular do Cariri. Aos sete anos decidiu fugir para a casa da irmã que vivia em Brejo Santo, escondendo-se na roda de um caminhão. Trabalhou no roçado desde criança. Já adulto, com a decadência do cultivo de algodão, começou a trabalhar em pedreiras para sustentar sua família. Ganhava muito pouco por uma atividade que lhe agredia cada vez mais a saúde física.

Um dia, quando andava pelo mato para coletar lenha para o fogão, decidiu separar um pau de madeira para esculpir. Nessa época, Francisco já acaalentava dentro de si o dom que herdou de seu pai. Pensava consigo mesmo que, com dedicação, também conseguiria criar e viver de sua arte. Vendeu suas primeiras peças no Centro de Cultura Popular Mestre Noza e produziu cada vez mais.

Gosta de caminhar pelo mato, observar o céu, as nuvens, as plantas, como quem medita. Suas obras nascem da observação atenta e da riqueza do imaginário que povoa a sua cabeça. Não faz esboços e não desenha na madeira antes de começar o trabalho. Em seu processo criativo, a peça não nasce pronta, ela se transforma – como obra viva – ao longo de sua produção.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Totem Rosto  
de Gente, Cabeça de  
Pássaro e Cachorro**  
Francisco Graciano  
Entalhe  
135 x 24 x 60 cm



**Homem com  
Galinha na Cabeça**  
Francisco Graciano  
Entalhe  
112 x 48 x 34 cm

**Banco Totem  
Rosto e Lagarto**  
Francisco Graciano  
Entalhe  
133 x 48 x 112 cm







## JASSON

Povoado de Monte Santo, Belo Monte (AL)

Jasson Gonçalves da Silva (1954) vive na zona rural do município de Belo Monte, Alagoas. Trabalhou na roça desde criança e por volta dos 20 anos mudou-se para a Bahia, onde ficou por cerca de 15 anos. Atuou na construção civil como servente de pedreiro e carpinteiro, entre outras atividades.

Em 2012, quando tinha quase 60 anos, foi estimulado pelos galeristas Maria Amélia Vieira e Dalton Costa a produzir esculturas em madeira. Esculpou seu primeiro casal de bonecos e não parou mais. A inserção no circuito de arte, a participação em projetos de criação colaborativa com designers e o diálogo com outros artistas populares, principalmente da Ilha do Ferro, despertaram em Jasson a busca por uma identidade artística própria. Assim nasceram suas esculturas, que combinam elementos, cores e texturas inusitadas. Suas obras têm sido cada vez mais reconhecidas por galeristas e colecionadores no Brasil e exterior.

Além de se inspirar nas belezas da natureza que o cerca, a caatinga, Jasson costuma sonhar com as peças. Ele não faz esboços e utiliza galhos e madeiras caídos coletados em sua região. Observador atento, diz que a madeira é viva: ela mesma explica como quer se transformar.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Karranca**  
Jasson  
Entalhe  
59 x 12 x 20 cm



**Cadeira**

Jasson

Entalhe

175 x 125 x 70 cm





## JOÃO BORGES

Timon (MA)

João de Oliveira Borges Leal (1970) nasceu em Teresina (PI), mas cresceu e vive no município vizinho Timon (MA), localizado na outra margem do rio Parnaíba, que faz a divisa entre os dois estados.

Desde criança brincava com o barro, matéria-prima farta que se acumulava aos montes no entorno das olarias em que seus primos trabalhavam. Sempre foi apaixonado por arte, mas no início gostava mesmo de desenhar e pintar.

Movido pela curiosidade, decidiu experimentar a argila novamente e fez um busto. Ficou surpreso com sua própria habilidade de criar com esse material, que cada vez mais atraiu sua atenção. Suas esculturas em cerâmica retratam cenas cotidianas com impressionante realismo e não recebem pintura para, justamente, evidenciar a cor e a textura do barro. Retrata momentos efêmeros e singelos, convidando o observador a reparar na poesia do cotidiano. Mesmo tendo como inspiração cenas regionalistas, seu trabalho pode ser interpretado como universal.

João Borges participou de várias exposições, coletivas e individuais, e suas peças são adquiridas e admiradas principalmente por colecionadores. No entanto, seu trabalho ainda é, infelizmente, pouco conhecido por um público mais amplo.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)

**Menino com Pipa**

João Borges

Modelagem / Cerâmica

35 x 22 x 31 cm





**Almoço na Lida**

João Borges

Modelagem / Cerâmica

47 x 22 x 25 cm





## MEHINAKU

Parque Indígena do Xingu, Gaúcha do Norte (MT)

Os Mehinaku possuem uma população aproximada de 400 a 500 indivíduos, divididos em cinco aldeias situadas nas margens dos rios Kurisevo e Kuluene, na região do Alto Xingu. São falantes de uma língua da família Arawak e guardam muitas semelhanças linguísticas e culturais com os Wauja. As obras apresentadas nesta exposição foram confeccionadas por artistas da aldeia Kaupüna, que foi criada em 2014 e tem cerca de 68 habitantes.

Suas aldeias são circulares, divididas em metades e com a Casa dos Homens ao centro. A organização da aldeia materializa, especialmente, a arquitetura do céu: cada elemento é disposto de forma a interagir com a posição do sol em determinados horários do dia. Alimentam-se, tradicional e principalmente, de peixe, beiju de mandioca e caça.

No campo das artes e da produção artesanal, os Mehinaku têm se destacado cada vez mais pela produção de bancos – principalmente zoomórficos, que chamam de *xepí* –, uma atividade majoritariamente masculina. Já as mulheres se dedicam a um sofisticado trançado em fibra de buriti e linha de algodão, com belíssimos grafismos e desenhos. Com o trançado, confeccionam principalmente cestos e esteiras que perdem a utilidade prática original para se tornarem verdadeiras obras de arte.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)



**Canoa**

Yahati Mehinaku  
e Kawakanamu

Entalhe  
30 x 300 x 49 cm

**Esteira com  
Desenho de Peixe**

Kamayulalu Mehinaku

Tecelagem  
150 x 128 cm

**Banco de Madeira**

Yaruru Mehinaku

Entalhe  
40 x 160 x 37 cm









## MESTRE ABERALDO

Povoado Ilha do Ferro, Pão de Açúcar (AL)

Aberaldo Sandes Costa Lima (1960) cresceu no povoado Ilha do Ferro, localizado às margens do rio São Francisco, no município de Pão de Açúcar, em Alagoas. Traz de família o dom e a aptidão para o entalhe da madeira. Neto de um habilidoso mestre canoeiro e filho de um carpinteiro, Aberaldo cresceu brincando no rio com barquinhos de madeira e vela de pano, que ele mesmo fazia.

Na década de 1980 começou a produzir barquinhos para vender em feiras de Maceió. Na mesma época passou a esculpir cabeças com corcundas inspiradas em Frei Damião, um frade italiano radicado no Brasil que fazia pregações pelo Nordeste. Aberaldo foi um dos precursores na arte do entalhe na Ilha do Ferro e seu reconhecimento como artista foi crescendo à medida que o povoado se tornava um impressionante polo de arte popular.

Utiliza preferencialmente as madeiras de umburana e mulungu, reaproveitando galhos e troncos caídos, coletados nos roçados. Aberaldo possui uma grande sensibilidade para o melhor aproveitamento da madeira. Gosta especialmente dos troncos com vários galhos, que permitem a criação de múltiplas cabeças em uma peça só. Essas esculturas são raras, pois encontrar os troncos adequados para produzi-las é questão de sorte.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Tronco 7 Cabeças**

Mestre Aberaldo

Entalhe

173 x 139 x 135 cm

**Banco Longo**

Mestre Aberaldo

Entalhe

119 x 270 x 60 cm







## MESTRE CORNÉLIO

Teresina (PI)

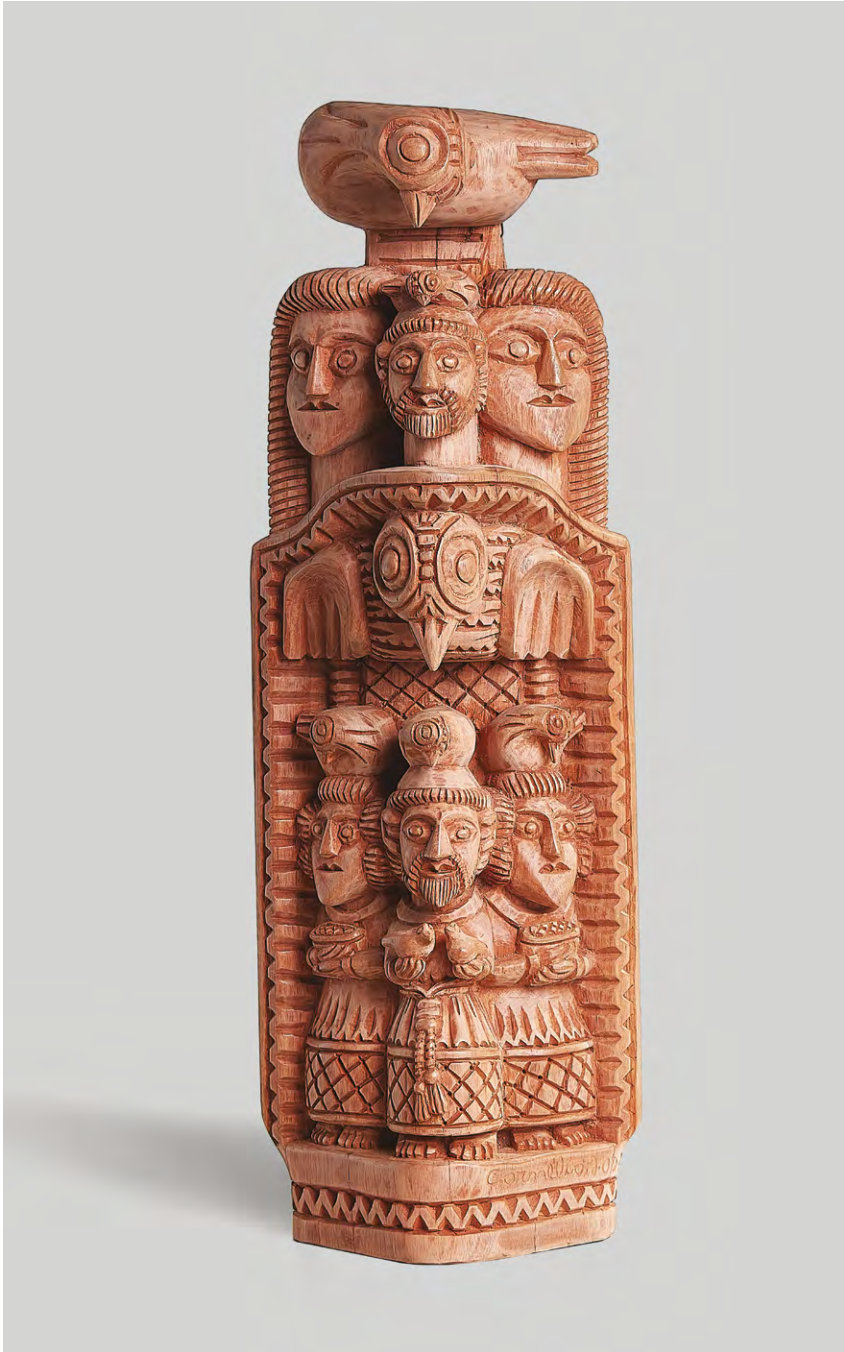
José Cornélio de Abreu (1956) nasceu em Campo Maior (PI) e quando criança tinha o sonho de ser jogador de futebol. Com 13 anos mudou-se para Teresina. Trabalhou desde cedo como serralheiro e carpinteiro, ajudando o pai a fazer portas, janelas e tetos.

Aos 15 anos, foi convidado por um padre italiano para entalhar a imagem de Cristo da capela do bairro. Contou com a orientação do artista Carlos B. e, juntos, esculpiram a imagem em um galho de cajueiro deteriorado. O Cristo ficou com um braço meio torto, mas o padre gostou mesmo assim. Passou a entalhar por encomenda e a expor suas peças no centro de artesanato e em feiras.

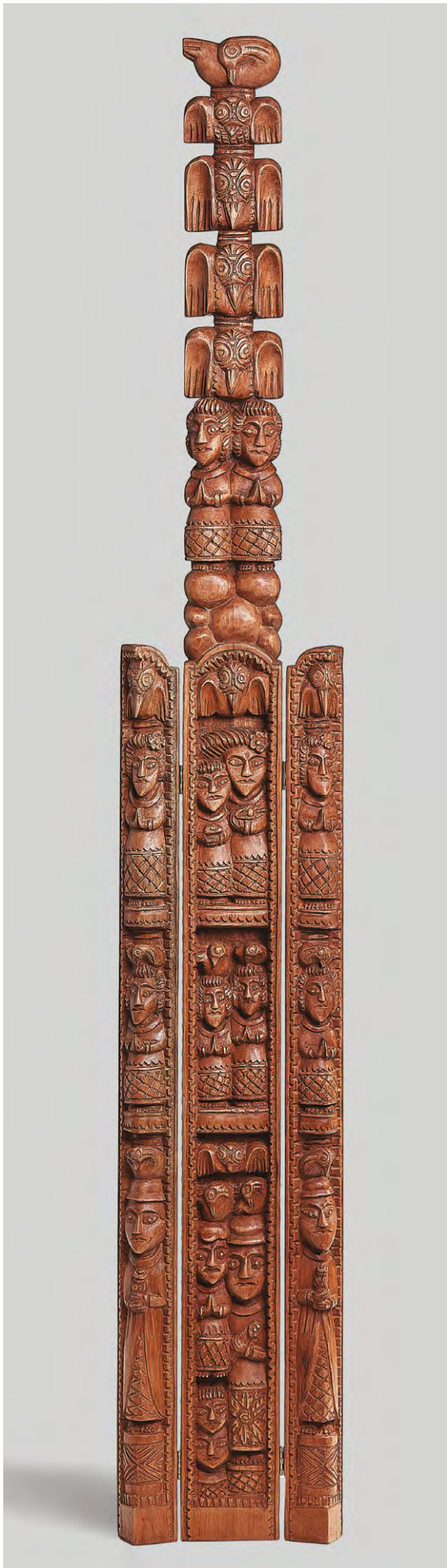
Em 1974 ficou em segundo lugar em um concurso de presépios, tendo como concorrentes os Mestres Dezinho e Expedito. Participou de vários salões, exposições e concursos, e ganhou vários prêmios. Também representou o Brasil em eventos internacionais.

Atualmente trabalha em parceria com seu filho, Leonardo Leal de Abreu, que também é entalhador. Com o falecimento de Mestre Dezinho e de Mestre Expedito, Cornélio é o mais antigo artesão vivo da tradição de santeiros do Piauí, considerada Patrimônio Imaterial do estado pelo Iphan em seu Inventário Nacional de Referências Culturais.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Totem**  
Mestre Cornélio  
Entalhe  
85 x 30 x 30 cm



**Oratório**  
Mestre Cornélio  
Entalhe  
201 x 28 x 7 cm



**Anjo**  
Mestre Cornélio  
Entalhe  
75 x 45 x 36 cm





## MESTRE CUNHA

Jaboatão dos Guararapes (PE)

José Francisco da Cunha (1951) nasceu em um engenho em Ipojuca, Pernambuco. Já na infância fazia seus próprios brinquedos, utilizando miolo de banana e madeira. Quando se casou, mudou-se para Jaboaão dos Guararapes, na Região Metropolitana de Recife.

Teve várias profissões, de cortador de cana-de-açúcar a vigia noturno. Na década de 1990, quando tinha quase 40 anos, ficou desempregado e começou a produzir canetas e brinquedos para vender. No início dos anos 2000, participou de um projeto de valorização dos mestres artesãos de brinquedos, profissionalizou o seu trabalho e suas peças começaram a ser consideradas obras de arte popular, especialmente por colecionadores.

Utilizando madeira e outros materiais reaproveitados, Mestre Cunha cria esculturas que possuem características fantásticas, eróticas e bem-humoradas, misturando formas humanas, de animais e máquinas. Muitas possuem mecanismos funcionais, como dobradiças, lâmpadas e hélices.

Inventa frases ou palavras curiosas para dar título às peças, como *Came-lauro*, *Teupai* e *Parampalho*. Recentemente começou a aprender inglês de forma autodidata. Para exercitar o aprendizado, passou a intitular as peças nesse idioma, da mesma forma bem-humorada.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**This is Crazy Stuff**

Mestre Cunha

Mista

32,7 x 32 x 9,5 cm



**Pissungo - 4**

Mestre Cunha

Mista

33,5 x 47 x 15,3 cm



**Are You With Me**  
Mestre Cunha  
Mista  
49 x 21,5 x 46,7 cm





# MESTRE LUIZ ANTÔNIO

Caruaru (PE)

Luiz Antônio da Silva (1935) vive em Alto do Moura, bairro de Caruaru (PE). Filho de louceira, desde muito novo acompanhava os pais quando eles iam vender louças na feira, acomodado entre panelas em um lombo de jumento. Teve contato com o barro desde cedo, com dez anos já fazia brinquedos e foi cada vez mais ganhando gosto pela cerâmica. É o único aprendiz ainda vivo de Mestre Vitalino, que o convidou a expor suas peças ao lado de sua banca na Feira de Caruaru.

Em 1976, participou de um concurso realizado pela prefeitura de Caruaru para comemorar os 114 anos da cidade. Concorreu com grandes mestres da arte figurativa e, por sua habilidade notável, ganhou o primeiro lugar com sua criação *Máquina de fazer telha canal*.

Uma das principais características de seu trabalho é a representação de cenas e objetos relacionados à tecnologia e a atividades profissionais, o que o levou a desenvolver uma técnica bastante sofisticada de modelagem e de queima para conseguir representar com detalhes os mecanismos das máquinas.

Em 2019, Mestre Luiz Antônio recebeu, por voto popular, o primeiro registro de Patrimônio Vivo do estado de Pernambuco, um importante reconhecimento da relevância de seu legado artístico e cultural.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



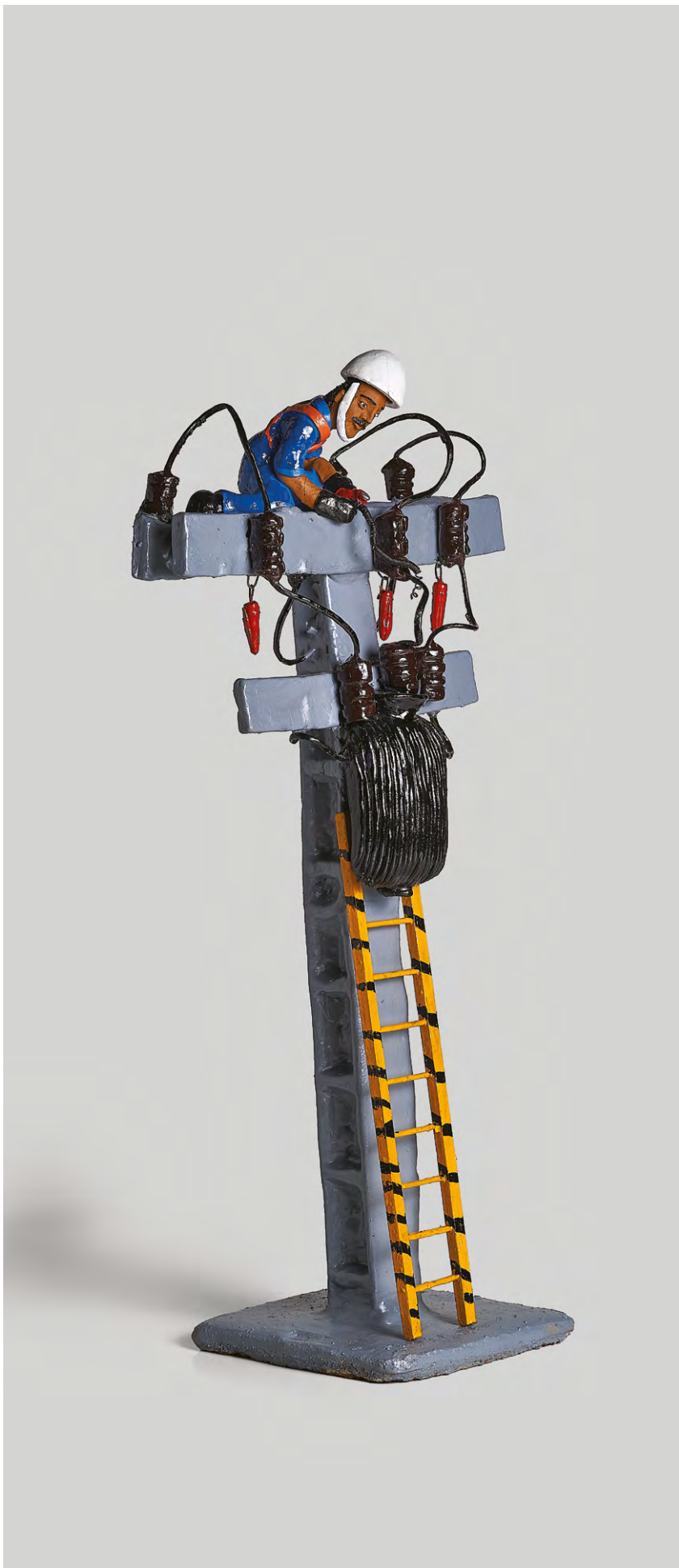
**Caminhão  
de Romeiros  
Azul Escuro**

Mestre Luiz Antônio  
Modelagem / Cerâmica  
32 x 62 x 25 cm

**Motoqueiro  
Vermelho**

Mestre Luiz Antônio  
Modelagem / Cerâmica  
36 x 55 x 9 cm





**Poste Eletricista**  
Mestre Luiz Antônio  
Modelagem / Cerâmica  
69 x 31 x 20 cm





## MESTRE MARIVALDO COSTA

Distrito de Icoaraci, Belém (PA)

Marivaldo Sena da Costa (1971) é ceramista da terceira geração de sua família. Teve o primeiro contato com o barro brincando e aprendeu todas as etapas da produção cerâmica no contraturno da escola. Com 15 anos, já dominava todas essas etapas e, por isso, foi considerado mestre ceramista muito jovem.

Sua família produz a cerâmica tradicional de Icoaraci desde a década de 1970. Esse estilo, também chamado de Paracuri, reinterpreta na contemporaneidade os grafismos das cerâmicas arqueológicas marajoaras encontradas na região.

Nos anos 1990, Marivaldo começou a se dedicar de forma mais profunda ao estudo da cerâmica arqueológica. Sua pesquisa teve início com a observação de fotografias e das peças de Mestre Raimundo Cardoso, pioneiro na produção de réplicas fiéis desses artefatos.

Devido à sua grande maestria na técnica, em 2016 Marivaldo foi convidado a fazer parte do projeto Replicando o Passado, realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi com o objetivo de replicar as peças mais representativas de seu acervo. Atualmente, junto a outros quatro ceramistas, Marivaldo Costa é uma das maiores referências na produção de réplicas de cerâmicas arqueológicas deixadas por diferentes povos que habitaram a Amazônia.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)

**Índia com Bacia  
Tapajônica (Oleira)**  
Mestre Marivaldo Costa  
Acordelado  
30 x 24 x 30 cm

**Estatueta Tapajônica  
Pé na Boca**  
Mestre Marivaldo Costa  
Acordelado  
15 x 11 x 10 cm





**Vasos de Cariátides**

Mestre Marivaldo Costa

Torno e acordelado

17 x 22 cm

20 x 23 cm



**Vaso Marajoara**

Arari

Mestre Marivaldo Costa

Acordelado

23 x 29 cm





## ROSALVO SANTANA

Distrito de Maragogipinho, Aratuípe (BA)

Rosalvo Maltez Santana (1964) trabalha e vive em Maragogipinho, distrito do município de Aratuípe (BA), o maior polo de produção cerâmica da América Latina segundo a Unesco. É filho do oleiro Amiordes Santana, o Mestre Roxinho, e desde criança brincava com o barro às voltas da olaria do pai, criando animais e figuras humanas.

Por estímulo da família, estudou e formou-se em contabilidade, mas logo percebeu que trabalhar como artista era sua paixão e vocação. Recebeu o conselho de modelar imagens sacras e, depois de vender uma imagem de Nossa Senhora da Conceição na tradicional Feira dos Caxixis, não parou mais. Participou de inúmeras exposições e foi premiado.

Rosalvo é um dos poucos santeiros de Maragogipinho e se destaca por ter desenvolvido de forma autodidata suas técnicas de modelagem e de queima. Um exemplo é a criação da engenhosa ferramenta feita com um ferrão de arraia, utilizada para fazer os detalhes precisos dos cabelos e das unhas.

Em seu trabalho, Rosalvo combina de forma inovadora a suntuosidade do barroco e o exagero das formas do rococó. Os santos possuem mantos e vestes com finíssimas dobras, redobras e pregueados, produzindo um efeito impressionante de leveza e exuberância.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)

**Nossa Senhora  
Desatadora dos Nós**  
Rosalvo Santana  
Modelagem / Cerâmica  
60 x 25 x 35 cm





**São Miguel Arcanjo**

Rosalvo Santana

Modelagem / Cerâmica

60 x 18 x 30 cm

**São Jorge**

Rosalvo Santana

Modelagem / Cerâmica

47 x 25 x 31 cm





## SIL DA CAPELA

Capela (AL)

Maria Luciene da Silva Siqueira, conhecida como Sil (1979), nasceu em Cajueiro, no estado de Alagoas. Trabalhou desde os oito anos de idade com o corte de cana-de-açúcar para engenhos da região e, por isso, não pode frequentar a escola. Mudou-se para a cidade de Capela e, em 2001, começou a frequentar a oficina do mestre ceramista João das Alagoas, em um projeto profissionalizante para mães de crianças com deficiência.

Apaixonou-se pelo barro e descobriu sua vocação artística. Aprendeu a modelar com muito esforço, enquanto trabalhava e cuidava dos três filhos. É uma das mais proeminentes seguidoras do mestre e suas obras já foram exibidas em livros de arte e em exposições nacionais e internacionais.

Em seu trabalho, representa e reinventa com riqueza de detalhes suas memórias de infância e o cotidiano de Capela: crianças brincando, mulheres rendando, rodas de violeiros, casais namorando, entre tantas outras cenas que muitas vezes acontecem à sombra de uma frondosa jaqueira. Recriando as lembranças de sua dura vida no campo, Sil sempre modela seus personagens com feições amorosas, alegres ou sorrindo.

[Clique aqui e descubra mais sobre a artista](#)

**Leitura Embaixo  
da Jaqueira**

Sil da Capela

Modelagem / Cerâmica

65 x 50 x 25 x 50 cm





**Pirâmide / Chapéu  
de Guerreiro**

Sil da Capela

Modelagem / Cerâmica

125 x 65 x 65 cm



# TIAGO AMORIM

Olinda (PE)



Nasceu com o nome de Sebastião Wilson Ferreira de Amorim (1943) em Limoeiro, Pernambuco, mas mudou-se para Recife aos dois anos de idade. Durante sua formação escolar, teve intenso contato com a arte em suas diversas formas. Estudou para ser monge beneditino e, nesse período, mudou seu nome para Tiago, que significa “o vencedor”.

Tiago Amorim é multiartista, trabalha com pintura em tela, gravura, entalhe em madeira, desenho e escreve poesias. Na cerâmica, técnica que o projetou no circuito da arte, suas obras têm como temática o corpo feminino e a natureza, como peixes, aves, cavalos e cajú. Aprendeu a modelar a argila com grandes mestres do ofício de Caruaru e Tracunhaém e possui amplo conhecimento técnico sobre a cerâmica. Domina diferentes misturas de argila e minerais para produzir porcelanas, faianças e outros materiais.

Conquistou uma identidade artística própria e participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Suas peças se destacam pela elegância dos traços e pela sofisticação do acabamento esmaltado. Em seu processo criativo, Tiago propõe uma reinterpretação estética original das formas da cerâmica tradicional utilitária: uma jarra partida ao meio torna-se dois peixes e duas gotas unidas dão vida ao atobá.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)

**Pássaro**

Tiago Amorim

Modelagem / Cerâmica

45 x 38 x 14 cm

29 x 30 x 14 cm





**Pássaro**

Tiago Amorim

Modelagem / Cerâmica

20 x 17 x 20 cm

42 x 28 x 21 cm

29 x 30 x 14 cm





## WAUJA

Parque Indígena do Xingu, Gaúcha do Norte (MT)

Também descritos como Waurá pelos não indígenas por uma confusão de pronúncia, sua autodenominação é Wauja. Falantes de uma língua Arawak, compartilham semelhanças culturais e linguísticas com os Mehinaku e habitam a região do Alto Xingu. Possuem uma população de 670 indivíduos, divididos em oito aldeias. As peças desta exposição foram produzidas por artistas da maior aldeia, Piyulaga. As aldeias Wauja são tradicionalmente circulares, com a casa das flautas ao centro, espaço majoritariamente masculino, dedicado aos instrumentos musicais sagrados.

Os Wauja são bastante conhecidos pela cerâmica, pois são os únicos povos do Xingu a produzi-la. Sua estética é inconfundível e única no mundo. Atualmente atendem principalmente o mercado de lojas de arte e artesanato, mas também são procurados por outros povos do complexo xinguno, que trocam diferentes tipos de artefatos por panelas de diversos tamanhos. São, assim, os grandes fornecedores de artefatos cerâmicos para todo o Xingu.

De acordo com um mito, há muito tempo, uma grande cobra-canoa chamada Kamalu Hai apareceu para os Wauja. Ela trazia em seu dorso todos os artefatos cerâmicos, que cantavam. Nesse encontro, Kamalu Hai ensinou os Wauja a produzir a cerâmica e, quando foi embora, defecou grandes montes de argila nas margens do rio Batovi, para que eles pudessem continuar a fabricá-la.

[Clique aqui e descubra mais sobre os artistas](#)

**Panela Ritual**  
**Furação de Orelha**

Yakakumaly Waurá,  
Kamayulalu Waurá,  
Kamo Waurá

Modelagem / Cerâmica  
44 x 117 x 115 cm



**Bijuzeira**

Cacique

Yapatiana Waurá e

Yumuwixumalu Waurá

Modelagem / Cerâmica

5 x 89 cm





# WILLI DE CARVALHO

Monte Alegre do Sul (SP)



Welivander César de Carvalho (1966) nasceu e cresceu em Montes Claros, Minas Gerais. Foi uma criança criativa e bagunceira, que adorava brincar e “inventar moda”.

Desde jovem, desenha e anota tudo de interessante que vê e ouve em cadernos, guardados com carinho. Autodidata, pintou telas e trabalhou em escolas de teatro e de arte, fez cenários para espetáculos, figurinos e maquiagens artísticas, além de atuar. Em 1997, ficou maravilhado com uma apresentação do artista Hélio Leites, um teatrinho feito em caixas de fósforo. Willi, que fazia miniaturas para planejar os cenários que produzia, percebeu enfim que já havia desenvolvido sua própria linguagem artística.

Cria miniaturas que retratam cenas e personagens populares, como festejos, manifestações artísticas, personalidades da cultura brasileira e favelas. Pesquisa referências em livros, músicas e obras de arte para encontrar os elementos mais significativos que povoam suas cenas coloridas, planejadas como se fossem um verdadeiro palco de teatro em pequena escala. Com um olhar tão minucioso para criar tantos detalhes, Willi de Carvalho é reconhecido como um dos maiores miniaturistas do Brasil.

[Clique aqui e descubra mais sobre o artista](#)



**Ofrenda  
para Iemanjá**  
Willi de Carvalho  
Mista  
71 x 41 x 13 cm



**Lavadeiras  
Quilombolas**  
Willi de Carvalho  
Mista  
51 x 43 x 12 cm

## FEIRA EXPOSIÇÃO ARTE DOS MESTRES

**REALIZAÇÃO** Artesol

**CONCEPÇÃO DO PROJETO** Josiane Masson

**CURADORIA** Josiane Masson e Marco Aurélio Pulchério

**DIREÇÃO CRIATIVA** Marco Aurélio Pulchério

**COORDENAÇÃO DO PROJETO** Mariana Campanatti

**COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA-FINANCEIRA** Sheila Maiorali

**PRODUÇÃO** Nélia Sobral e Ahmad Claudio

**ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO** Larissa Falchioni e Vivian Martins

**PESQUISA E ASSISTÊNCIA DE CURADORIA** Isabel Franke

**TEXTOS** Isabel Franke, Josiane Masson, Camila Fróis e Ricardo Gomes Lima

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO** Mariana Oliveira

**ARTICULAÇÕES** Marco Aurélio Pulchério, Mayawari Mehinaku e Piratha Waujá

**COORDENAÇÃO DE VENDAS** Daniela Vasconcelos

## CATÁLOGO ARTE DO MESTRES

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Camila Fróis

**TEXTOS** Isabel Franke, Josiane Masson e Ricardo Lima

**REVISÃO DE TEXTOS** Regina Araki

**FOTOGRAFIA** Ricardo Carotta

**ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA** Theo Grahl

**PROJETO GRÁFICO** Casa Rex

**PROJETO EXPOGRÁFICO** Adriana Yazbek

**EQUIPE DE PROJETO EXPOGRÁFICO** Beatriz Gomes, Elaine Landulfo, Luiza Ho e Nathalia Duran

**PROJETO DE ILUMINAÇÃO** Fernanda Carvalho

**DESIGN** Casa Rex

**WEBSITE** Vinil

**CENOTÉCNICA** Catanduva

**ILUMINAÇÃO** Santa Luz

**PROJEÇÃO** Luzi e Tela Mágica

**ASSESSORIA DE IMPRENSA** Suporte Comunicação

**REVISÃO DE TEXTOS** Regina Araki

**FOTOGRAFIA STILL** Ricardo Carotta

**COMUNICAÇÃO VISUAL** Family Sign

**PRODUÇÃO AUDIOVISUAL** Mombak Coletivo

**DIREÇÃO ARTÍSTICA** Theo Grahl

**PRODUÇÃO GERAL** Vivian Martins

**PESQUISA** Isabel Franke

**ROTEIRO** Camila Fróis, Mariana Santos e Theo Grahl

**PRODUÇÃO DE CAMPO** Daniela Vasconcelos, Ninon Tavares, Mariana Campanatti, Vonaldo Mota e Kity Novaes

**DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA** Theo Grahl

**CÂMERA ADICIONAL** Artur Crepaldi e Mariana Campanatti

**EDIÇÃO** Cassios Nogueira, Ricardo Babachinas e Theo Grahl

**TRILHA SONORA** Maurício Madureira

**DESIGN VINHETA** Willi de Carvalho e Aline Rodrigues

## APOIO TÉCNICO

André Ferrari, Breno Peterson Nogueira, Deyse Roque, Eliandreia Silva, Emerson Gomes, Eric Douglas Crispiano, Ewerton Rawdan Silva, Flávio Inácio, Guilherme Freire, Ian Kayky de Oliveira, Israel Miguel Moura, Luan Henrique Sartori, Marcos Vinicius Duga, Mario Alexandre Telles, Maurício Marques, Michelle Aparecida, M. da Silva, Peterson Charles, Renan de Matos Oliveira, Sueli Ferrari e Wireslan Alves

## AGRADECIMENTOS

Adélia Borges, Adepe - Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco, André Lira, Ângela Mascelani, Anne Ferreira, Beatriz Gomes, Camede - Cooperativa de Artesanato Mestre Dezinho, Camila Bandeira, Casa Azul, Casa Bonita, Ceart - Central de Artesanato do Ceará, Cecília Rima, Centro Cultura Popular Mestre Noza, Cesar Sanches, Daionã Luz Vila Nova, Damiana Graciano Cardoso, Delano Rocha, Dona Vana, Eduarda Coelho Siqueira, Fernanda Feitosa, Francisco David dos Santos Jr, Germana Mourão, Helena Lima, Igor Mendes, Instituto Cultural Vale, Ivone Moraes, Jad Lays Monteiro, João das Alagoas, Jorge Pacheco, Kity Novis, Lara Melo, Leilane Pessoa de Oliveira, Maguy Etlin, Maria Gurgel, Maria José Conceição da Cunha, Maria Stella Barbosa, Museu Goeldi, Patricia D'Oliveira Araújo Liebmann, Programa Alagoas Feito à Mão, Ricardo Gomes Lima, Rodrigo Lyra, Santana Maria Oliveira, Sebrae Bahia, Sebrae Minas, Sebrae Piauí, Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, Secretaria Municipal de Turismo de Belo Monte, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos de Brejo Santo, Sidney Cirilo de Sá, Sofia Conceição Vilela da Cunha, SP-Arte, STATE, Tatiana Martins, Thiago Tomaz, Uinie Brito, Vonaldo Mota e Walter José Polettini

## ARTESOL

**FUNDADORA** Ruth Cardoso

**PRESIDÊNCIA** Sonia Quintella de Carvalho

**CONSELHO FISCAL** Carmem Granja, Luiz Antunes Müssnich e Patrícia Castilho

**COMITÊ DE APOIO À DIRETORIA** Ana Luiza Trajano, Ana Tercia Rodrigues, Andrea Weichert, Anna Regina de Almeida Pires, Ana Carolina M.B. Matarazzo, Claudia Sender, Christiana de Souza Ramos Novis, Lisiane Lemos, Luiz Carlos Moreira Lima, Mariana Barbosa, Marília Opice Bossaloni, Regina Célia Vasconcelos Esteves, Sílvia Kupfermann Rodarte, Solange Salva e Viviane Simões

**ASSOCIADOS** Adelia Lucia Borges, Ana Lucia Gracioso Colleti Barbosa, Anna Regina de Almeida Pires, Adriana Zarvos de Medicis, Andrea Matarazzo, Antonio Augusto Arantes Neto, Celso Lafer, Ceres Alves Prates, Cira Souza, Danilo Santos de Miranda, Edna Suely Motosinho de Pontes, Elizabeth Therezinha Vargas, Evangelina Seiler, Genoveva Whitaker de Souza Dias Quintella, Helly Maria Zitenfeld Alvim, Julio Sérgio de Maya Pedrosa Moreira, Maria Beatriz B. Ferreira Alves Ceschin, Maria Cecília Oliva Perez, Maria do Carmo Abreu Sobré Mineiro, Margarida Cintra Gordinho, Maria Dulce Queiroz de Vasconcellos, Maria Ignez Correa de Costa Barbosa, Maria Luiza Luz do Prado Bresser Pereira, Maria Luiza Siffert Porto, Maria Thereza Larque de Souza Lobo, Regina Maria Cordeiro Dunlop, Regina Celia Boeri Pacheco de Castro, Regina Meyer, Renata Amaral, Renata Cunha Bueno Mellão, Sílvia Rupfermann Rodarte, Sílvia Poppovic, Solange Salva, Thomas Baccaro, Vivian Sachs de Campos, Waldick Jatoba

## EQUIPE EXECUTIVA

**DIREÇÃO GERAL** Josiane Masson

**COORDENAÇÃO EXECUTIVA** Sheila Maiorali

**DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL** Rita Wirtti

**COMUNICAÇÃO** Mariana Oliveira, Camila Natalino Fróis, Nathália Abdalla e Guilherme Fagaraz

**ARTICULAÇÃO DE REDE** Helena Kussik, Isabel Franke e Ana Clara Melo

**ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA** Elaine Rocha

**COMERCIAL/ARTIZ** Daniela Alves Ferreira, Daphne Sciencia, Dayana Figueiredo de Oliveira, Gracielia da Silva Oliveira Santos e Letícia Lira Santos

Patrocínio



Apoio institucional



Secretaria de Estado do  
Desenvolvimento, Indústria,  
Comércio e Serviços



DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO



Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

